

## VEIAS E VINHOS (1981) DE MIGUEL JORGE: ENTRE A HISTÓRIA E A ESTÉTICA

Sabrina Alves da Silva\*

*O presente tem por objetivo, apresentar projeto de pesquisa cujos apontamentos iniciais se voltam para a análise da relação entre história e estética, por meio do romance - reportagem *Veias e Vinhos*, obra escrita por Miguel Jorge e publicada na década de 1980. Para tanto, faz-se primordial compreender o seu gênero. Categorizada como romance reportagem, a referida obra narra a chacina da família Matteucci, ocorrida na cidade de Goiânia em 1957. Emergindo no Brasil nos anos de 1970, período que vigora o ato institucional de número 5, e se apropriando de técnicas ficcionais na construção de narrativas sobre fatos comprováveis, delinea no gênero romance reportagem uma denúncia social. Assim o foco desta análise se dá no processo de suspeição, acusação, prisão e condenação da personagem Altino da Cruz como executor da chacina pelos mecanismos do Estado. Buscando se ancorar nas reflexões de Roger Chartier para quem a obra literária é “um recurso para pensar o essencial: a construção do laço social, a consciência de si ” (CHARTIER, 2002 p. 93.)<sup>1</sup>, este trabalho vislumbra na linguagem literária de *Veias e Vinhos* uma possibilidade de interpretar sensibilidades de outrora com vistas a compreensão da história da cidade de Goiânia no contexto de produção da referida obra na articulação entre passado e presente.*

*Palavras Chaves: História, Romance-reportagem, estética.*

### INTRODUÇÃO AO TEMA

Com a revolução documental novas possibilidades de fontes foram incorporadas ao processo de investigação em história, bem como novas temáticas no bojo do que se convencional designar História Cultural que tem “por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. ” (CHARTIER, 2002, p. 17). A história assim estabelece uma relação com a literatura na qual esta é tomada como fonte para a construção da narrativa histórica, pois a literatura como produção humana é testemunho de seu tempo.

Desta forma, este projeto elege como fonte a obra literária *Veias e Vinhos (1981)* escrita por Miguel Jorge, para estudo do período de abertura do regime civil-militar, na cidade de Goiânia, com o enfoque na percepção acerca das ações do aparelho de Estado no que concerne aos direitos civis e políticos, por meio da análise do processo de

---

\* Graduanda do curso de Licenciatura em História pelo IFG – Campus Goiânia. E-mail: [sabrinaalves4@gmail.com](mailto:sabrinaalves4@gmail.com)

<sup>1</sup> Capítulo XII História e Literatura, do livro *A beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*.

suspeição, acusação, prisão e condenação da personagem Altino da Cruz, como o executor da chacina que é pano de fundo para o enredo construído pelo autor.

Buscando para esta pesquisa dialogar com a crítica literária a fim de se constituir arcabouço, acerca do gênero romance-reportagem pelo qual a obra é escrita, que tem como pressuposto a denúncia social, bem como para a compreensão dos recursos técnicos literários usados na construção das personagens e enredos, não perdendo de vista a estética como ponto de acesso a sensibilidades da temporalidade.

Portanto a literatura enquanto fonte permite a compreensão das relações sociais que se estabeleceram, pois formula um discurso influenciado pelo contexto inerente também ao próprio gênero literário, permeado pelo denominado engajamento sartreano sendo possível a análise da recepção das ideias e sensações por meio da obra.

## **REVISÃO DA LITERATURA E JUSTIFICATIVA**

Ao se debruçar sobre o tema desta pesquisa se buscou pensá-lo sobre três dimensões: o diálogo entre história e literatura, o gênero da obra escolhida como fonte - Romance – Reportagem e o contexto histórico de produção da obra. Assim são apresentados estudos que se dedicaram a estas dimensões que auxiliam na ambientação do tema e na instrumentalização para a investigação histórica em um diálogo interdisciplinar entre história e crítica literária.

Roger Chartier, no capítulo XII<sup>2</sup> de seu livro *a Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude* (2002), aborda as especificidades da literatura e da história, bem como a relação destas com a História Cultural. Pensando as apropriações que se fazem de um texto, o autor considera os mundos do texto e do leitor, propondo que se trabalhe sobre as variações da literatura em relação ao mundo social, considerando as mudanças das “diversas formas de inscrição, de transmissão e de recepção das obras” (CHARTIER, 2002. p.258 – 259.)

O estudo de Chartier auxilia na reflexão sobre a literatura enquanto linguagem, a sua existência, particularidades e o social no qual ela é tomada, permitindo a análise dessas instâncias distintas que se relacionam, criando significações e representações de

---

<sup>2</sup> Intitulado: História e Literatura, p. 255 – 271.

mundo. Assim este projeto considerará *Veias e Vinhos* (1981) de Miguel Jorge, enquanto obra literária e suas minúcias e o contexto social em que foi produzida, para que seja possível a compreensão da representação histórica que se resulta do encontro desta obra de literatura com a sociedade.

Nicolau Sevcenko, na introdução de seu livro *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (1999), apresenta reflexão sobre a linguagem, na qual esta é resultado das interações estabelecidas pelos seres humanos no meio social, pois ela estaria no “centro de toda a atividade humana” e deste modo também modelaria as relações socialmente estabelecidas. O autor analisa os processos políticos, sociais e culturais da Primeira República no Brasil, por meio das obras literárias de Euclides da Cunha e Lima Barreto, aferindo, como expresso no capítulo III<sup>3</sup>, que nas obras “a postura intelectual crítica e combatente é simultaneamente epidérmica e estrutural, construindo um produto estético tanto ao nível do assunto, dos personagens, dos cenários e dos procedimentos de linguagem quanto das camadas mais profundas de significação” (SEVCENKO, 1999. p. 127).

Diante dos apontamentos feitos pelo autor, se vislumbra que os temas, as personagens e demais elementos estruturantes presentes nas obras literárias se convertem em vestígios para estudo da temporalidade na qual foram produzidas através da análise da articulação entre forma e conteúdo. E sob este aspecto, o presente projeto se utilizará do expediente de elementos como a linguagem narrativa e personagem, como chave interpretativa para a análise do posicionamento intelectual contido em *Veias e Vinhos*.

Em *Literatura e Sociedade* (2006), Antônio Candido procura situar à relação de mutualismo existente entre a literatura e a sociedade, por meio do diálogo entre a literatura, sociologia e história. No capítulo V<sup>4</sup>, da segunda parte de sua obra, o autor discute a função histórica de uma obra literária como sendo resultado de sua estrutura, e que esta por sua vez “[...] repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita.”(CANDIDO, 2006. p. 177), ela sofrerá variações históricas na sua função, porém para o autor a estrutura da obra “permanece esteticamente invariável”, contudo cabe discordar do autor no que se

<sup>3</sup> Intitulado: Euclides da Cunha e Lima Barreto: Sintônias e Antinomias, p. 119 – 128.

<sup>4</sup> Intitulado: Estrutura Literária e função histórica, p. 177 – 199.

refere a invariabilidade estética, pois assim como a obra sofre variações de função, também ocorreram modificações na sua estética mediante as apropriações que se farão desta pelas diferentes sociedades em distintas temporalidades.

O autor, ao apresentar a estética como um resultado das circunstâncias de produção da obra literária, traz um instrumento de possível investigação histórica na obra *Veias e Vinhos*, pois se a produção literária surge da confluência da iniciativa individual e das condições sociais que contribuem com valores estéticos, morais e ideológicos em um dado momento, ela expressa uma representação de mundo vigente no instante de sua escrita, logo a estética da obra é um vestígio desta temporalidade.

Sandra Jatahy Pesavento, no artigo *História & Literatura: Uma velha – nova história, Nuevo Mundo Mundos Nuevos* (2006) <sup>5</sup>, trata da relação entre a história e literatura (das aproximações e distanciamentos), em termos de suas especificidades como os procedimentos, e o uso da literatura pela história. A autora ao falar da literatura como fonte a coloca como um documento privilegiado, pois ela possibilita “acesso especial ao imaginário, permitindo enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam” (PESAVENTO, 2006. p.7). Pesavento, ao apontar a literatura como uma maneira de se entender como se construiu o imaginário sobre uma dada temporalidade, propicia, portanto, a observação da relação passado e presente que se estabelece em *Veias e Vinhos*, pois a obra escrita na década de 1980 tem em seu enredo um fato ocorrido nos anos de 1950.

Em *As imagens de Goiânia na literatura mudancista*, Eliézer Cardoso (2005) <sup>6</sup> de Oliveira promove um estudo, ainda que não detalhado, sobre o discurso literário presente em obras da literatura goiana, no período que vai do final da década de 1930 até os anos de 1980. *Veias e Vinhos* é uma das obras escolhidas pelo autor para a compreensão da forma pela qual a cidade de Goiânia é lida na literatura.

Oliveira demonstra que nas nuances do enredo, há a representação da cidade na década de 1950, nos aspectos do cotidiano, como conversas sobre partidas de futebol e

---

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha - nova história. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006. Disponível em: <https://nuevomundo.revues.org/1560> Acesso em: 30/05/2016.

<sup>6</sup> In: CHAUL, Nars Fayad; SILVA, Luis S. D. da (Org). As cidades dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás. Goiânia: Ed. da UFG, 2005. p. 138 – 199.

de problemas que teriam advindos da urbanização e do crescimento demográfico, como o conflito entre classes sociais, o medo da violência e o despreparo da polícia, concluindo que a capital: “Não é mais a cidade dos sonhos – talvez Brasília seja –, mas a da realidade crua e nua” (OLIVEIRA, 2005. p. 175).

O autor por meio de sua abordagem, no âmbito geral da representação da cidade, contida em *Veias e Vinhos*, nos deixa brechas a serem exploradas na investigação histórica, como por exemplo, a historicidade do próprio gênero da obra literária, romance – reportagem ou a relação entre o passado e o presente intrínseca a obra, sendo possível pensar na perspectiva de continuidades e descontinuidades de processos históricos.

Em *Romance – reportagem: o gênero* (2001), Rildo Cosson faz um exame minucioso sobre a condição de gênero dessa tipologia textual, por meio do estudo da teoria de gênero, bem como através da análise de obras brasileiras que foram produzidas a partir da década de 1970, classificadas como Romance - reportagem.

No capítulo II<sup>7</sup>, de seu livro, o autor, utilizando as reflexões teóricas sobre gênero de Mikhail Bakhtin<sup>8</sup> e Tzvetan Todorov<sup>9</sup>, inferiu que os gêneros não são exclusivamente literários, pois eles são inerentes a todas as formas de discurso, literários ou não, sendo possível o surgimento de um novo gênero a partir do encontro de ambos, diante de condições históricas de comunicação, que por fazerem parte de uma realidade, sofrem variações ou transformações. Logo, “o romance – reportagem pode ser visto como um gênero que resultou do entrecruzamento do gênero “literário” romance com o gênero “não-literário” reportagem [...]” (COSSON, 2001. p.32), em um momento histórico específico. Deste modo, é possível analisar *Veias e Vinhos* sobre o viés de um gênero de discurso que se construiu sobre condições historicamente específicas que permitiram o enlace entre a narrativa do romance com a uma narrativa jornalística, e que lhe conferiu um “não lugar” tendo em vista a sua ambiguidade.

Carlos Eduardo Jordão Machado<sup>10</sup>, em artigo intitulado *A crítica de Siegfried*

<sup>7</sup> Intitulado: A Teoria dos gêneros. p. 25 – 32.

<sup>8</sup> Deste autor, Rildo Cosson se utiliza da obra *Estética da criação verbal*, publicada pela editora Martins Fontes em São Paulo no ano de 1992.

<sup>9</sup> Deste autor, Rildo Cosson se utiliza da obra *Os gêneros dos discursos*, traduzida por Ana M. Leite. Publicada em Lisboa pela editora Edições 70 no ano de 1981.

<sup>10</sup> Professor de História da filosofia e da arte na UNESP.

*Kracauer ao Romance-reportagem – ou o “caso Brecht”*, tem por objetivo contextualizar a crítica que Siegfried Kracauer<sup>11</sup> faz ao romance - reportagem na Alemanha durante a década de 1930, para tanto o autor realizou a análise de artigos publicados e correspondências para reconstruir o teor das críticas e o ambiente em que elas se deram, procurando refletir sobre as posturas dos contemporâneos de Kracauer como George Luckács, que lhe é solidário as críticas ao gênero e Erns Bloch.

Segundo o autor, esse gênero se popularizou entre os escritores de esquerda daquele período, onde obras e críticas estavam ligadas a Federação de Escritores Proletário – Revolucionários ou a revistas de esquerda ou centro-esquerda.

O trabalho de Machado abre um leque com instrumentos para a análise da obra de Miguel Jorge, em estudo, tanto em termos de procedimentos metodológicos como em diagnósticos a respeito do ambiente da época. Deste modo, o autor, ao apresentar a ligação ideológica e política das produções de romances – reportagem na Alemanha durante a República Weimar, nos instiga a investigar em *Veias e Vinhos* como estão estabelecidos vínculos ideológicos e políticos, bem como a problematizar o gênero como emergente em períodos de restrição de direitos em regimes autoritários.

No capítulo IV<sup>12</sup> de sua dissertação de mestrado em Letras – *Literatura brasileira: Romance-reportagem: onde as semelhanças não são meras coincidências* (1994), Neila T. Roso Bianchin mostra as contribuições e limitações impostas pelas ambiguidades promovidas pelo cruzamento do romance com a reportagem e as soluções dadas na construção dos enredos pelos autores dos romances – reportagem. E ao se voltar para as personagens das obras a autora se questiona “Pessoa ou Personagem?”, em face da relação entre a pessoa e a personagem, “pois são elas, ao lado dos sinais de referencialidade, que asseguram às narrativas a verossimilhança necessária para que sejam vistas e lidas como relatos da realidade” (BIANCHIN, 1994. p. 87).

Como a personagem existe ou existiu no real o literato toma de empréstimo, em

---

<sup>11</sup> Kracauer foi sociólogo, romancista, crítico de cinema e das mídias, etnólogo das metrópoles, deixou uma vasta obra multiforme - uma figura de proa da intelectualidade de esquerda da chamada República de Weimar, na Alemanha. (Cf. SANTOS, Patrícia da Silva. **Siegfried Kracauer: sociologia e superfícies Escritos até 1933**. 2014. 294 f. Tese de doutorado em Sociologia. Programa de pós – graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: < [http://www.teses.usp.br/index.php?option=com\\_jumi&fileid=12&Itemid=77&lang=pt-br&filtro=SANTOS.%20Patr%C3%ADcia%20da%20Silva](http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=12&Itemid=77&lang=pt-br&filtro=SANTOS.%20Patr%C3%ADcia%20da%20Silva) > Acesso em: 13 de agosto de 2016.

<sup>12</sup> Intitulado: Semelhanças que fazem a diferença. p. 76 – 115.

alguns casos, o nome verdadeiro, a profissão e o endereço, para aplicar o verossímil, porém ele deixa sua subjetividade construir o enredo e no uso das técnicas literárias, como monólogos e fluxos de consciências, constrói diálogos, que seriam possíveis de serem articulados e construídos pelas pessoas, porém são da personagem, e neste instante o autor tem liberdade para usar o imaginário, embora não possa alterar os acontecimentos, a fim de chamar a atenção para determinadas personagens e situações com o intento de produzir reflexões.

Portanto o narrador se faz presente no discurso da personagem em momentos nos quais a denúncia social é o foco dos acontecimentos da narrativa. Com esses apontamentos, a dissertação da autora apresenta a construção das personagens e seus diálogos como recurso para estudo de ideias e contextos. Assim, este projeto analisará como objeto de pesquisa em *Veias e Vinhos*, a personagem de Altino da Cruz<sup>13</sup> e as circunstâncias que a condenam como assassino, com o uso da teoria da estética da recepção, como arcabouço teórico para o estudo, bem como a da construção da personagem.

No capítulo III, de seu livro *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira* (2003), Nadine Habert trata da crise do governo Militar e os elementos que, segundo leitura, desencadearam os processos que levaram a erosão do regime. Entre crise econômica internacional que evidenciou as fragilidades do modelo econômico brasileiro e o desgaste no interior do governo entre as duas vertentes, chamadas de linhas “branda” e “dura”, a autora apresenta a atuação dos movimentos populares de oposição que

[...] refletiram não só os efeitos do crescimento caótico das cidades, o sufocamento da participação e do debate políticos e a piora das condições de vida e de trabalho da população, como também expressaram profundas transformações nos seus valores, no seu comportamento, nas formas criativas de se organizarem, de agirem coletivamente e forma independente. (HABERT, 2003, p.55)

Habert, expõe as situações presentes nos anos finais da Ditadura militar no Brasil. Em meio à crise as mazelas sociais urbanas também se tornaram bandeiras na reconfiguração dos movimentos populares reivindicatórias de direitos, evidenciando que o momento apresentava as transformações que sociedade urbana sofrerá, o que instiga a

<sup>13</sup> Única personagem condenada pelo assassinato da família Matteucci.

investigar na obra *Veias e Vinhos* como foram lidas as demandas sociais do período na cidade naquele contexto.

Raquel Simão Victoi, no capítulo II<sup>14</sup> de sua dissertação de mestrado<sup>15</sup>, *Cidade Polissêmica: diálogos interdisciplinares sobre a cidade de Goiânia* (2013), analisou estudos de historiadores sobre a referida cidade. A autora constata que na década de 1960 foram implantados loteamentos, aprovados na década anterior, sem a devida infraestrutura e distantes do centro da capital, o que configurava uma “exclusão urbanística” e uma tentativa de se ocultar os conflitos dos usos do espaço da cidade, porém isso expunha o negligenciamento do Estado. E em decorrência do descaso nos anos 1950 e 1960, aliado ao crescimento demográfico, fez com que a cidade apresentasse, nas décadas de 1970 e 1980, “um desenvolvimento muito desigual” (VICTOI, 2013, p. 137).

Ao discutir a cidade por meio de sua urbanização e evidenciar a postura do Estado frente aos usos do espaço urbano, Victoi possibilita a compreensão do contexto de produção de *Veias e Vinhos*, instigando a pensar as condições dos direitos sociais em Goiânia, nas décadas de 1970 e 1980 como resultados de processos econômicos, políticos e sociais anteriores àquela temporalidade, no entanto em conjugação com essas mesmas questões postas nas circunstâncias de sua feita.

Para Eliezer Cardoso de Oliveira, na obra e capítulo já mencionados neste trabalho, Goiânia passou por mudanças que se refletiram sobre os valores de seus habitantes, nas décadas de 1960, 1970 a 1980, que foram influenciadas pela construção de Brasília e pelo crescimento demográfico “tornando – se um centro comercial e financeiro de dimensões regionais” (OLIVEIRA, 2005. p197). Os problemas com a infraestrutura estiveram presentes, bem como a violência e também houve o estreitamento da relação com as cidades do entorno. É importante refletir quais foram essas transformações de valores e como estão presente em *Veias e Vinhos* na representação sobre um passado.

José Carlos Henrique, no capítulo II de sua dissertação de mestrado em

<sup>14</sup> Intitulado Cidade Panorama

<sup>15</sup> Do curso de mestrado da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de mestre em História.



História<sup>16</sup>, *O teatro goiano no contexto da ditadura militar: a dramaturgia de Miguel Jorge* (2012), realiza uma análise sobre os aspectos políticos e culturais em Goiás durante o regime militar afirmando que “as ações no campo cultural eram realizadas, principalmente, por pessoas que demonstravam certo amadurecimento intelectual, com maior acesso aos meios de comunicação, informados das ideias vindas da Europa e do eixo Rio – São Paulo” (HENRIQUE, 2012. p. 74), circunscrevendo as práticas culturais, que resistiram as restrições impostas pelo sistema oficial da ditadura, dentro do movimento estudantil na universidade e no Liceu de Goiânia.

Henrique traz apontamentos sobre a resistência cultural em Goiás no período da ditadura militar, apresentando a penetração de ideias externas que influenciaram nas ações. Deste modo, ao adotarmos o estudo das referências teóricas do autor de *Veias e Vinhos*, contidas em Jean Paul Sartre, sobre o engajamento do escritor é um campo de possibilidade para a compreensão da urdidura das personagens e do enredo da obra.

*Se as paredes da Catedral falassem: a Arquidiocese de Goiânia e o Regime Militar (1968/1985)* é a dissertação de mestrado<sup>17</sup> de Teresinha Maria Duarte, defendida em 1996. Em seu segundo capítulo, a autora trata da Justiça e dos direitos humanos durante o Regime Militar brasileiro. Duarte apresenta a atuação da Arquidiocese de Goiânia diante das situações impetradas pela direita e esquerda no país, bem como pelo regime que suprimiram direitos civis em prol de seu projeto de desenvolvimento e segurança nacional, e constata por meio da análise documental que para a arquidiocese goiana

O Estado não poderia corrigir um cidadão criminoso de forma criminosa. Isto “seria o retorno à barbárie”, quando o Brasil tinha uma Constituição, uma ordenação jurídica. O terror e a represália eram ilegais, ignoravam a justiça, tomada como direito e legalidade, pondo em desequilíbrio a “Ordem Social”. Um governo que agia fora da legalidade, acabaria por perder o respaldo moral e a obediência de seus governados. (DUARTE, 1996.p.83)

O trabalho de Teresinha M<sup>a</sup> Duarte, auxilia na interpretação das ações do Estado no que se refere a justiça, no período da produção do livro *Veias e Vinhos*, pois este é um elemento que corrobora com apontamentos que existem nesta obra literária, que se

<sup>16</sup> Programa de pós - graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

<sup>17</sup> Programa de mestrado em História da Universidade Federal de Goiás.

expressa a partir de sua epígrafe “Quantas terríveis coisas não se cometem em nome da justiça” (JORGE, 1982. p.7), sendo a ação do Estado um dos itens que compõem o objeto desta pesquisa.

Portanto, se faz pertinente o estudo da temática, diante da escassez de pesquisas sobre a história do Estado de Goiás no que concerne aos anos finais do regime militar, pelo viés das expressões artísticas. Se tornando relevante a pesquisa da estética presente em *Veias e Vinhos* para a compreensão de sensibilidades de outrora na relação passado e presente, no atual contexto no qual se expõe a fragilidade dos direitos constitucionais, tanto na esfera regional quanto nacional, sendo necessária a reflexão histórica acerca de práticas do Estado analisando a existência de continuidades.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL**

Analisar a relação entre história e estética no romance-reportagem *Veias e Vinhos*.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Investigar a relação entre história e literatura na estética do Romance - reportagem;

Analisar o discurso construído sobre o passado na obra *Veias e Vinhos*;

Interpretar a leitura sobre as ações dos agentes de Estado presente em *Veias e Vinhos*.

## **PROBLEMA E HIPÓTESE**

A literatura como produção humana nos fornece a possibilidade de a utilizarmos como fonte histórica para a análise da temporalidade na qual a obra literária foi produzida, pois, conforme Sandra Jatahy Pesavento, “o texto literário é expressão ou sintoma de formas de pensar e agir (PESAVENTO, 2006. p. 8)”, logo é uma representação influenciada pelo momento em que foi produzida, e assim como outras

fontes, não é o acontecido mas nos traz vestígios para nos aproximarmos do passado. Deste modo, a obra literária *Veias e Vinhos*, escrita sobre o gênero romance-reportagem, e publicada na década 1980, pelo escritor Miguel Jorge no contexto em que o país estava sob o regime de um governo ditatorial e militar, permite nos colocarmos próximos do período de sua escrita, fornecendo chaves interpretativas para compreendermos o olhar que se lançava sobre o passado a partir do presente ali constituído. Assim sendo possível a identificação da visão de mundo inerente a sua feitura que se expressa, também, no próprio gênero, utilizado pelo autor que situa temporalmente a obra, uma vez que ele emerge no Brasil na década de 1970, momento em que há intensificação do cerceamento de liberdades, de forma violenta, pelo Estado, tendo como uma de suas características a construção de narrativas, com técnicas ficcionais, sobre fatos comprováveis, estabelecendo uma relação fronteira entre a literatura e o jornalismo tendo como caráter a denúncia social.

Deste modo, cabe indagar as razões que foram motivadoras da escolha do gênero para a escrita desta obra, que é uma narrativa construída sobre as nuances da chacina de seis pessoas da família Matteucci, em 6 de dezembro de 1957 na cidade de Goiânia, bem como a escolha do próprio evento.

Pois, a obra é uma reconstrução de eventos acerca do fato ocorrido, utilizando para isto uma estrutura literária que apresenta uma forma dinâmica que alterna a narrativa entre quatro narradores e passagens temporais não lineares, que toma por empréstimo aspectos do real que inspiraram o enredo e as personagens de modo a ressignificar o acontecido. Ela traz as ações da força policial e demais agentes das instituições executivas do Estado, no que concerne à justiça, como algozes de tragédias individuais e coletivas, formulando assim um discurso que nos apresenta uma relação entre o passado e o presente por meio da estética.

*Veias e Vinhos* expõe a tortura como ato do Estado e também as mazelas e conflitos sociais presentes no Brasil no contexto dos anos de abertura do regime ditatorial, durante as décadas de 1970 e 1980, expondo as ações empreendidas pelo aparelho estatal e como estas obscureceram tragédias pessoais, que não eram vistas como tais no período, explicitando continuidades das práticas autoritárias e repressivas na cidade de Goiânia numa reflexão sobre aquela temporalidade.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O historiador tem na operação historiográfica o rigor metodológico que distingue a disciplina e orienta a sua prática, a partir do lugar social condicionando a escrita (Cf. CERTEAU, 2015, p. 47). Ao empreender a investigação histórica é imprescindível a compreensão de lugar social e prática e como esses determinam a abordagem metodológica das fontes.

“[...] todo gesto criador inscreve em suas formas e seus temas uma relação com as estruturas fundamentais que, em um momento e um lugar dados, modelam a distribuição do poder, a organização da sociedade, a economia da personalidade” (CHARTIER, 2002, p. 93), deste modo para compreensão das obras humanas como uma representação de sociedades e mundos, se faz importante compreender a sensibilidade como um conceito possível para a interpretação de sensações que constituíram o imaginário de outrora. Sendo uma obra literária uma produção humana, não se pode desconsiderar, ao eleger – la como fonte, que nela estão presentes percepções da temporalidade, o que implica

[...] entender que o homem é razão e sentimento ao mesmo tempo e só esta combinação lhe permite ir além daquilo que é visto, tal como lhe dá acesso a um mundo imaginário de respostas deduzidas e intuídas e a uma reserva de memória que é acionada. A postura permite refletir e favorece o acesso à sensibilidades dos homens de outro tempo, sobre a alteridade do passado e sobre as marcas de historicidade que nos permitem reconfigurar o tempo acontecido. (PESAVENTO, 2010, p. 22-23)

Na obra *Veias e Vinhos*, as marcas dessa sensibilidade estão impensas na escolha da temática norteadora do enredo nos elementos da técnica literária utilizados na construção da narrativa e também nas personagens.

A personagem do romance é um resultado de relações que determinam sua configuração física e psicológica (Cf. ROSENFELD, 2005, p. 32-33), que a faz ser “projetada como um indivíduo real”, embora não haja a possibilidade de sua transformação no decorrer do tempo ao contrário de seres humanos reais, por isso contém vestígios da temporalidade de sua produção, não podendo se esquecer que a “personagem é um ser fictício” (CANDIDO, 2005, p. 55), que dá sentido ao enredo.

Sendo assim, por meio das personagens de *Veias e Vinhos* é possível a investigação da historicidade da obra.

E para a interpretação dessas subjetividades e sensibilidades, a tomada da fonte como sujeito – objeto permite a tomada da mesma em sua condição material, questionando a razão de sua existência, e entendendo seu significado enquanto sujeito (Cf. MARSON, 1982, p. 52), na amplitude de suas possibilidades na operação historiográfica.

E ao circunstanciar a sua razão de existência a forma se estabelece como um caminho para apreensão das percepções, por conseguinte o conceito de estética é fundamental para a interpretação da forma na obra literária, pois é

a totalidade da nossa vida sensível – o movimento de nossos afetos e aversões, de como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensórias, tudo aquilo enfim que se enraíza no olhar e nas vísceras e tudo o que emerge de nossa mais banal inserção biológica no mundo. (EAGLETON, 1993, p.17)

Na concepção de representações por meio de símbolos que comunicam ideias e sensações da cultura que é “a totalidade complexa que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, lei, costumes e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade [...]” (ROSENFELD, 2007, p. 237 - 238) estão presentes, nessa soma, valores estéticos que encontram nas artes um local de expressão autônoma (Cf. RONSENFELD, 2007, p. 255)

Assim a relação entre as técnicas literárias e de reportagem na esteira do gênero romance - reportagem que se caracteriza por se basear em fatos e personagens reais para construção de narrativas dentro dos moldes de uma obra de ficção (Cf. COSSON, 2001, p. 11), apresenta na forma o engajamento por denúncia de tragédias sociais.

Para efeito de entendimento conceitual de engajamento e tragédia, respectivamente é oportuno recorrer a noção de literatura engajada que postula ao escritor um devir ao qual ele não pode se furtar, uma vez que usa a palavra por ter algo a dizer na intenção de transformar por meio da reflexão de aspectos do mundo (Cf. SARTRE, 2004, p.20); e o conceito de tragédia cujo o sentido “é sempre cultural e historicamente condicionado, mas o processo artístico em que uma específica desordem é vivenciada e resolvida é mais difundido e importante” (WILLIAMS, 2002, p. 77).

## CONSIDERAÇÕES

A fonte na qual se baseia a pesquisa é o Romance - reportagem *Veias e Vinhos* escrito e publicado por Miguel Jorge, no início da década de 1980. Esta obra literária apresenta como evento principal a chacina de 6 membros da família Matteucci na cidade de Goiânia no ano de 1957, e que na narrativa são representados pelas personagens Mateus (Pai e dono do armazém São Judas Thadeu), Antônia (Mãe que teve presságios em sonhos sobre o assassinato), Mário (filho mais velho do casal, que também é do narrador em uma das quebras da dinâmica temporal), Vilda, Valmira, José (que também são filhos do casal).

Embora se baseie em um fato não ficcional a obra o utiliza como pano de fundo para a reconstrução dinâmica do cotidiano das diversas personagens na cidade, apresentando uma apreensão sensível da temporalidade por meio destas. A estratégia adotada na narrativa não estabelece uma regularidade temporal, ou seja, não é construção linear, o tempo narrativo está em uma dinâmica entre o presente e o passado como um recurso para a dramatização da trama nas diversas vozes narrativas que são colocadas em monólogos que expressam sentimentos suscitados por lembranças ou pela ação em andamento. Como a personagem Ana, uma criança de 2 anos, filha do casal, que sendo a única sobrevivente da chacina, é um dos narradores na história, ela de seu berço narra os fatos como testemunha da chacina. Também é um outro exemplo a personagem Altino da Cruz, que representa o único a ser condenado pelos assassinatos, e faz a narrativa de sua tragédia pessoal, como alguém acusado injustamente destituído da condição humana pelas torturas físicas e psicológicas sofridas na prisão que o levaram a confissão do crime.

É importante evidenciar que se construiu uma representação social da cidade de Goiânia, bem como do aparato policial e de suas práticas de atuação na década de 1950, porém essa em *Veias e Vinhos* é concebida nos anos de 1980 o que possibilita a investigação das sensibilidades deste contexto que é histórico, dos anos finais da ditadura civil militar no Brasil, se constituindo assim a sua importância enquanto vestígio do ser humano no tempo.

## BIBLIOGRAFIA

BIANCHIN, Neila T. Roso. **Romance-reportagem: onde as semelhanças não são meras coincidências**. 1994. 130 f. Dissertação de mestrado em Letras. Letras – Literatura Brasileira. Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15600/2236-9767/impulso.v23n57p87-101>> Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: \_\_\_\_\_. **A escrita da história**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2015. p.46 – 111.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação; História entre narrativa e conhecimento; História e literatura. In: \_\_\_\_\_. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. 1ª ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002. p. 61 – 79; p. 81 – 100; p. 255 – 271.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Portugal. Difel. 2002. p. 13 – 28.

CANDIDO, Antônio. (Org.). A personagem do romance. In: \_\_\_\_\_. **A personagem de ficção**. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2005. p. 53 – 80.

\_\_\_\_\_. Literatura e vida social; Estrutura literária e função histórica. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p. 27 – 50; p. 177 – 199.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 88p.

DUARTE, Teresinha Maria. **Se as paredes da catedral falassem: a Arquidiocese de Goiânia e o regime militar (1968/1985)**. 1996. 230f. Dissertação de mestrado em História. Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal de Goiás, 1996. Disponível em: [https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/DUARTE\\_Teresinha\\_Maria\\_1996.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/DUARTE_Teresinha_Maria_1996.pdf) Acesso em: 11 de julho de 2016.

EAGLETON, Terry. Particularidades livres. In: \_\_\_\_\_. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p.17 – 28.

\_\_\_\_\_. Fenomenologia, hermenêutica, teoria da recepção. In: \_\_\_\_\_. Teoria da literatura: uma introdução. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.83 – 136.

HABERT, Nadine. Anos de transição. In: \_\_\_\_\_. **A década de 70: apogeu e crise da**

**ditadura militar brasileira.** 3ª ed. São Paulo, Ática, 2003. p. 40 – 68.

HENRIQUE, José Carlos. **Teatro Goiano no contexto da ditadura militar: a dramaturgia de Miguel Jorge.** 2012. 161 f. Dissertação de mestrado em História cultural. Programa de pós – graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012. Disponível em: <  
[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1472](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1472) > Acesso em : 17 de novembro de 2015.

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. A crítica de Siegfried Kracauer ao romance-reportagem – ou o “caso Brecht”. **Impulso**, Piracicaba • 23(57), 87-101, maio.set. 2013 • ISSN Impresso: 0103-7676 • ISSN Eletrônico: 2236-9767 101 DOI: <http://dx.doi.org/10.15600/2236-9767/impulso.v23n57p87-101> Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: \_\_\_\_\_. SILVA, Marcos A. da.(Org.) **Repensando a História.** 6ª. Ed. São Paulo: Marco Zero, 1982. p. 37 – 64.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. As imagens de Goiânia na literatura mudancista. In:\_\_\_\_\_. CHAUL, Nars Fayad; SILVA, Luis S. D. da (Org). **As cidades dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás.** Goiânia: Editora da UFG, 2005. p. 138 – 199.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: Uma velha – nova história, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, 2006.<<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 16 de novembro de 2015. p. 1 - 10.

\_\_\_\_\_. Pensar com o sentimento, sentir com a mente Bienal de Veneza, 2007: 52.<sup>a</sup> Exposição de arte. In: \_\_\_\_\_. RAMOS, Alcides Freire; *et al.* **Olhares sobre a história.** São Paulo: HUCITEC, 2010. p. 19 – 26.

ROSENFELD, Anatol. Estética. In: \_\_\_\_\_. Texto/ Contexto. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.235 – 257.

\_\_\_\_\_. Literatura e personagem. In: \_\_\_\_\_. CANDIDO, Antônio; *et al.* **A personagem de ficção.** 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 09 – 40.

SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura?** 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004. 231 p.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução; História e literatura. In:\_\_\_\_\_. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 4ª ed. São Paulo:



Brasiliense, 1999. p. 19 – 24; p. 237 – 248.

VICTOI, Raquel Simão. **Cidade Polissêmica: diálogos interdisciplinares sobre a cidade de Goiânia**. 2013. 167 f. Dissertação de mestrado em História, Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal de Goiás, 2013. Disponível em: [https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Raquel\\_Sim%C3%A3o\\_Victoi.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Raquel_Sim%C3%A3o_Victoi.pdf) Acesso: 22 de outubro de 2015.

WILLIAMS, Raymond. Tragédia e ideais contemporâneas. In: \_\_\_\_\_ **Tragédia Moderna**. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 69 – 87.